



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
UFAL CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JEICE RAIANE DE SOUZA ARAUJO

**A RELEVÂNCIA DE DEBATES SOCIOLINGÜÍSTICOS NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA MÚSICA “SAMBA DO ARNESTO”**

DELMIRO GOUVEIA - AL

2024

JEICE RAIANE DE SOUZA ARAUJO

**A RELEVÂNCIA DE DEBATES SOCIOLINGUÍSTICOS NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA MÚSICA “SAMBA DO ARNESTO”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Como requisito parcial para obtenção do título de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Fábria Fulni-ô

DELMIRO GOUVEIA- AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

A663a Araújo, Jeice Raiane de Souza

A relevância de debates sociolinguísticos nas aulas de língua portuguesa: uma análise da música “Samba do Arnesto” / Jeice Raiane de Souza Araújo. – 2024.

42 f.

Orientação: Fabia Pereira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura de Letras. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Preconceito linguístico. 4. Ensino fundamental. 5. Samba do Arnesto. 6. Adoniran Barbosa. 7. Análise do discurso. I. Silva, Fábica Pereira da, orient.

II. Título

CDU: : 81'276

Folha de Aprovação

JEICE RAIANE DE SOUZA ARAUJO

A RELEVÂNCIA DE DEBATES SOCIOLINGUÍSTICOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA MÚSICA “SAMBA DO ARNESTO”

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Como requisito parcial para obtenção do título de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua portuguesa.

Apresentado em 18/11/2024.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **FABIA PEREIRA DA SILVA**
Data: 25/11/2024 19:10:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva – UFAL

Documento assinado digitalmente
 **HEDER CLEBER DE CASTRO RANGEL**
Data: 25/11/2024 13:31:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

1º Examinador interno: Prof. Dr. Héder Cléber de Castro Rangel – UFAL

Documento assinado digitalmente
 **MARIA HELENA MENEZES DE SOUZA**
Data: 25/11/2024 19:03:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2º Examinadora interna: Profa. Dra. Maria Helena Menezes de Souza – UFAL

AGRADECIMENTOS

À Deus, o dono da minha vida. Ele me ajudou em todos os momentos, e sempre esteve ao meu lado. À minha orientadora, professora Dr. Fabia Fulni-ô, que muito contribuiu para a realização desta pesquisa. Agradeço também ao irmão Rodolfo, pois fez a matrícula para eu fazer a prova do enem. À Sandrea, pois sempre aconselhou-me em relação aos estudos.

À minha família, em especial ao Manoel Francisco, mais conhecido como Nequinho; além de avô, ele é também o meu pai, visto que, não só criou-me como também incentivou-me a não desistir de estudar. Agradeço aos meus/minhas colegas de curso, em especial à Fabiana e ao Francisco, tendo em vista que, nunca deixaram de me motivar a continuar no curso. Aos meus irmãos e imãs em Cristo, pois oraram por mim. E ao meu esposo, que sempre me incentiva.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar as respostas de seis estudantes do nono ano (Ensino fundamental), referente a um exercício o qual possui apenas uma questão, tendo como base, a música “Samba do Arnesto”, escrita pelo cantor Adoniran Barbosa. O trabalho também se baseia na experiência do estágio de regência na turma do primeiro ano (ensino médio). E traz discussões sobre conteúdos a respeito da sociolinguística, relatando assim, a relevância de debates que instiguem os/as estudantes a se posicionarem de forma crítica. Essa análise tem por objetivo averiguar a percepção desses/dessas discentes em relação a uma língua que não se associa aos padrões exigidos pela gramática normativa, com o intuito de perceber através dessa atividade, se os/as discentes estudam a língua de forma ampla ou somente assistem à aulas sobre regras gramaticais.

Palavras-chaves: Preconceito linguístico; variação linguística; Língua de prestígio

ABSTRACT

This research aims to analyze the responses of six ninth-grade students (elementary school) regarding an exercise consisting of a single question, based on the song "Samba do Arnesto," written by singer Adoniran Barbosa. The work also draws on the experience from an internship in a first-year high school class. It discusses content related to sociolinguistics, highlighting the importance of debates that encourage students to adopt a critical stance. The objective of this analysis is to investigate these students' perceptions regarding a language that does not conform to the standards required by normative grammar, aiming to understand through this activity whether the students study the language broadly or merely attend classes on grammatical rules.

Keywords: Linguistic prejudice; linguistic variation; prestige language

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2	O QUE É SOCIOLINGUÍSTICA?	12
3	GRAMÁTICA NORMATIVA: A LÍNGUA DE PRESTÍGIO	16
	3.1 Percepção dos/das estudantes referente a música “Samba do Arnesto”.....	18
	3.2 Análise das respostas de 6 estudantes do nono ano referente a atividade baseada na música “Samba de Arnesto”.....	20
4	A IMPORTÂNCIA DO ENSINO SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	35
	4.1 Desafios para o ensino da sociolinguística.....	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho denota a importância de debates sociolinguísticos nas aulas de língua portuguesa, tendo como base a experiência obtida no estágio de regência na turma do 1º ano do ensino médio, e da análise de uma atividade sobre a música “Samba do Arnesto” realizada por 6 alunas do 9º ano (Ensino fundamental). O interesse sobre a respectiva pesquisa surgiu através da observação de uma aula sobre o conteúdo “variação linguística”, e da percepção em relação ao ensino baseado em conteúdos os quais envolvem apenas regras gramaticais. O objetivo geral dessa pesquisa é demonstrar a relevância de ensinar aos alunos e as alunas sobre conteúdos da sociolinguística, afim de que não se limitem em estudar somente a gramática normativa. O objetivo específico é analisar a atividade respondida por 6 estudantes a respeito da canção “Samba de Arnesto”, com o intuito de compreender através das respostas, a concepção das discentes em relação a uma variação considerada desprestigiada.

A análise também traz a definição de variação linguística e preconceito linguístico. Somado a isso, relata a respeito da reação dos/das estudantes ao terem contato com um assunto diferente do qual já haviam visto. O interesse em abordar sobre a importância dos debates sociolinguísticos surgiu também através da reação dos/das discentes em sala de aula, quando foi perguntado se já tinham ouvido falar sobre preconceito linguístico. Desse modo, a partir desse estranhamento, e das frases que todos e todas proferiram durante as aulas de regência, surgiu a necessidade de falar sobre a relevância da explanação dos assuntos sobre a sociolinguística nas aulas de Língua portuguesa.

É importante salientar que, esses discursos sobre falar “certo e errado” surgem nas escolas através do ensino tradicional da língua. Sendo assim, é função da escola criar projetos que rompam com esses dizeres, afim de conscientizar aos alunos e as alunas de que existe uma área chamada sociolinguística, e que essa disciplina, além de compreender o sujeito, mostra outras possibilidades de estudos linguísticos, pois, como afirma (BORTONI-RICARDO, 2005, P. 5): “A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas”. Por tanto, é dever dela ensinar sobre as variações linguísticas, para ajudar a romper com esses dizeres carregados de

preconceito sobre os falantes de uma variação considerada errada pela língua de prestígio.

De acordo com BAGNO, (2000) a gramática tradicional permanece viva e forte. A palavra “permanece” presente nessa sentença, nos mostra que, ao longo dos anos, as regras gramaticais são prioridade na maioria das redes de ensino; portanto entendemos que, mesmo com as mudanças do léxico, e da existência de estudos os quais mostram outras possibilidades linguísticas, o ensino da gramática normativa ainda é prioridade na maioria das escolas. Nesse sentido, diante de tantos interdiscursos nos livros didáticos e nas mídias sociais, se faz necessário a produção de pesquisas que ajudem a romper com esses discursos. Estudos os quais contribuam para amenizar os preconceito linguísticos. Além disso, seria necessário debates que despertem o senso crítico nos/nas estudantes, afim de que levem para fora da escola um conhecimento amplo à cerca da língua.

É importante constatar que, a intenção dessa pesquisa não é demonstrar que a gramática normativa é irrelevante, e sim, ressaltar a importância de ensinar sobre outras variações linguísticas; Pois, de acordo com os argumentos de (BAGNO, 2000, p.142) “A gramática normativa tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento...”. Sendo assim, ao explanarem essas ideias na sala de aula, existirá uma grande possibilidade de amenizar o preconceito linguístico.

Para a realização deste estudo, tomamos como base as ideias dos pesquisadores e das pesquisadoras: Bortoni-Ricardo (2005), Mollica e Braga (2000), Bagno (1999, 2000, 2002 e 2005), Antunes (2009), Mugnaini Jr (2013), Orlandi (1986) e entre outros. A pesquisa está dividida em 5 capítulos. O primeiro traz argumentos em relação ao que se fundamenta o trabalho, e relata também o referencial teórico. O capítulo dois, explica sobre o que é a sociolinguística e a importância de debater a respeito dela nas aulas de português. O três, está relacionado a gramática normativa e os motivos de ela ser considerada a língua de prestígio. No subcapítulo 3.1 é destacada a percepção dos/das estudantes em relação a música “sambado Arnesto”. No 3.2 está presente a análise das respostas de 6 estudantes do 9º ano que, fizeram uma atividade respondendo a uma questão, pedindo que elas transcrevessem as palavras consideradas “erradas” e justificassem as respostas. O quarto capítulo fala da relevância do ensino da variação linguística.

Ou seja, demonstra a partir dos argumentos a urgência em levar esses assuntos para as aulas de língua portuguesa. O 4.1 relata os desafios para o ensino da sociolinguística nas escolas, e o capítulo 5, a conclusão.

2 O QUE É SOCIOLINGUÍSTICA?

De acordo com Mollica e Braga (2003, p. 9), “Sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. Através das argumentações dessas autoras, é possível perceber a amplitude dessa área de estudo, tendo em vista que, se ocupa em compreender os diversos modos de falar. Além disso, os sociolinguistas se detêm em estudar de forma minuciosa outras possibilidades e arranjos linguísticos os quais são estigmatizados e desprestigiados em vários lugares. Somado a isso:

O objetivo da sociolinguística é sistematizar a variação existente na linguagem. Ela considera que o sistema da língua não é homogêneo, mas heterogêneo e dinâmico. As regras, por tanto, têm de abranger a variação das formas. O falante real é levado em conta e os sociolinguísticas usadas pelos falantes em suas comunidades” (ORLANDI, 1986, p.49)

De acordo com Orlandi (1986), a sociolinguística é uma área ampla, pois além de considerar outras possibilidades linguísticas em diversos contextos sociais, ela também leva em consideração os falantes. Segundo Mollica e Braga 2003, o objeto de estudo dessa área é a variação linguística, pois a entendem como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Essa área de estudo teve início através de William Labov. Esse pesquisador nasceu nos Estados Unidos e é considerado o fundador da sociolinguística Variacionista. Labov se preocupou em formular seus estudos de acordo com o contexto social dos falantes, entendendo assim que há várias maneiras de se utilizar a mesma língua. Em virtude da língua ser heterogênea, o teórico analisava as variações linguísticas e os fatores que acarretaram estas variações.

Considerando, portanto, que a língua é diretamente observável, a sociolinguística centra a sua análise nos dados. Deriva daí seu grande empenho método lógico em construir procedimentos cada vez mais sofisticados, adequados e precisos para a coleta e tratamento dos dados, já que estes são determinantes para a direção e o sucesso de qualquer trabalho nessa área (ORLANDI, 1986, p.49)

A sociolinguística é uma disciplina de extrema importância, visto que, os estudiosos da área buscam estudar “a língua em movimento”, tendo em vista suas mudanças ao longo dos anos. Por tanto, a língua não é estanca, e não limita suas

ideias em regras gramaticais, pelo contrário, valoriza os falares de cada comunidade. A função da sociolinguista, segundo Martelotta (2009) é analisar todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. De acordo com esse teórico: “Uma das contribuições da pesquisa sociolinguística foi a constatação de que muitas formas não padrão também ocorrem na fala de pessoas com nível superior, principalmente nos momentos mais informais”. (EDUARDO MARTELOTTA, et al; 2008, P. 142)

De acordo com (MOLLICA e BRAGA, 2003, P. 13), “As línguas em geral apresentam uma diversidade que se distribui em continuum, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, apropriando-se das variedades cultas e da tradição literária.” É necessário salientar que, ao ensinar sobre sociolinguística nas aulas de português, é preciso estar ciente de todas represálias e dificuldades que o linguista enfrenta quando se encoraja a levar esse conteúdo para as aulas.

Porém, mesmo com tanta dificuldade, é fundamental pensarmos que, ensinando este assunto, estamos contribuindo para a desconstrução do preconceito linguístico. Além disso, esses estudos despertará o senso crítico nos/nas estudantes. Somado a isso, o ensino de assuntos sobre a sociolinguística são fundamentais, porque, não só ajudam a compreender melhor os estudos da língua, como também, a respeitar à outras variações. Ademais, amplia os conhecimentos linguísticos, e instiga os/as estudantes a falarem sobre esse assunto em diversos ambientes. Diante disso: “É necessário ter clareza sobre o objetivo da língua a falantes nativos; é preciso identificar o que o falante já sabe e o que não sabe para determinar o que lhe deve ser ensinado” (BAGNO, 2005, p. 235). Além de argumentar sobre a importância de ter clareza sobre o ensino da língua, Bagno (2005) também afirma que:

A sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo constituído por unidades de regras variáveis. (BAGNO, 2005, P. 60)

Mediante a essas argumentações, percebe-se a necessidade de ensinar sobre essa área da linguística, pois, além de ser ampla, ela estuda a língua em sociedade, se afastando assim de assuntos os quais tratam a língua como estática.

Esses estudos também mostram outras possibilidades linguísticas, e ajudam a romper com dizeres carregados de preconceito, pois, pessoas que utilizam uma variação diferente da norma culta, recebem diversas críticas. Além disso, com base em Mollica e Braga (2003), entende-se que

Toda língua portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (MOLLICA e BRAGA, 2003, p. 13)

Segundo (BAGNO, 2005, p 38), “A escola até por um dever constitucional deve oferecer igual oportunidade a todos os brasileiros, qualquer que seja a sua origem: étnica, de classe ou outra qualquer”. De acordo com essas afirmações entendemos que, a escola não pode negligenciar os direitos de todos e de todas as estudantes. E em se tratando de regras gramaticais, não adianta explicar sobre elas a uma criança indigente, é preciso analisar a variação que ela adquiriu em sua comunidade de fala, e demonstrar outras para que compreenda outras possibilidades linguísticas. E essa atitude, não é uma determinação para estudar essas regras, mas sim que conheçam outras variações e consigam entender que a língua não se limita apenas a uma variação, mas que ela é ampla e muda ao longo dos anos. É importante também que analisem situações como essa citada por (BAGNO, 2002, p. 92):

Uma mulher negra, por exemplo, mesmo que se apodere completamente das formas prestigiadas de falar e de escrever, continuará tendo oportunidades infinitamente menores de ascensão social do que qualquer homem branco mesmo que ele não domine tão bem assim a “língua certa”

É notável que as classes menos favorecidas são as vítimas predominantes do preconceito linguístico. Isso acontece, porque em todos os lugares a gramática normativa é a única forma de ensino, sendo assim, a maioria das pessoas idealizam um modo de falar que exige perfeição. Por tanto, os sujeitos que não tiveram condições de estudar sofrem a todo momento, pois, as correções das falas são contínuas. Os alunos/as de escolas particulares são os que mais vêm conteúdos de gramática normativa, e em virtude disso, de acordo com afirmações de Bagno:

O aluno de classe média frequenta escolas bem mais equipadas, com professores, no mínimo, razoavelmente preparados, e traz por herança o padrão linguístico mais próximo do que é ensinado na escola, por isso é facilmente alfabetizado, embora a maioria das vezes saia delas envenenados pelos preconceitos e com dificuldades de falar e escrever nos moldes exigidos pela sociedade. (BAGNO, 2005, p. 230)

Por tanto, seria necessário ensinar para esses/essa estudantes que a língua se modifica ao longo dos anos, e por isso não basta apenas aprender conteúdos a respeito da norma culta, porque ela não muda, é estática. Entretanto, estudar a norma culta com o intuito de melhorar a ortografia, é válido, porém em se tratando da fala, é importante entender a multiplicidade das variações e compreender que, utilizar todas as regras gramaticais na forma oral é maçante, e a maioria das pessoas não falam de acordo com essas normas, apenas se expressam da forma como aprenderam na sua comunidade de fala. E ao ter contato com outras possibilidades linguísticas, começaram a fazer uso ou substituíram alguns elementos. Em relação a essas mudanças da língua, Antunes argumenta que:

Em qualquer língua, de qualquer época desde que em uso, ocorreram mudanças em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares, que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua. (ANTUNES, 2009, p.22)

Por tanto, e necessário ressaltar que, a gramática normativa é importante para uma boa escrita, no entanto, não adianta os/as estudantes conhecerem todas as classes gramaticais, e não compreenderem os implícitos presentes nos enunciados que circulam em diversos contextos. Além disso, se não aprenderem a analisar as variedades presentes em diversas comunidades, não entenderão o funcionamento da língua, e se limitarão ao conhecimento de regras gramaticais. Por tanto, seria necessário aliar o estudo da gramática normativa ao estudo das variações linguísticas, pois segundo (ANTUNES 2009, p.53) “Se língua e gramática não se equivalem, saber gramática não é suficiente para uma atuação verbal eficaz”

3 GRAMÁTICA NORMATIVA: A LÍNGUA DE PRESTÍGIO

“A gramática normativa enfoca a língua como é falada em determinada fase de sua evolução: faz o registro sistemático dos fatos linguísticos e dos meios de expressão, aponta normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, em suma, ensina a falar e escrever a língua padrão corretamente” (CEGALLA, 1964 p. 16). Desde a época greco-romana, a gramática normativa vem sendo ensinada, tornando-se o principal assunto aplicado nas aulas de língua portuguesa. E mesmo com a existência de algumas pesquisas que vão de encontro ao ensino limitado da língua, a norma culta, ainda permanece sendo o conteúdo mais visto nas aulas de português. Esse é um fator preocupante, pois, muitas pessoas não têm/não tiveram acesso a essas regras gramaticais. As classes menos favorecidas, por exemplo, tiveram que abdicar dos estudos para ajudarem aos seus pais na roça.

Fato marcante da nossa história colonial no que diz respeito à política linguística foi a decisão do primeiro-ministro português marques de pombal, em 1757, de proibir o ensino de qualquer outra língua em território brasileiro que não a portuguesa. A medida visava sobretudo a prática pedagógica dos jesuítas, que serviam da chamada língua geral, de base tupi, para catequizar

Os índios brasileiros (BAGNO, 2005, p. 165)

Através das argumentações de Bagno (2005) a respeito da história sobre a colonização, percebemos que, as minorias sempre foram vítimas do preconceito linguístico. Essa ideia de tentar mudar os arranjos linguísticos de uma comunidade, indica desqualificação e invalidação dessas pessoas as quais não falam de acordo com a língua padrão. O anseio excessivo de ensinarem que a gramática normativa precisa ser o estudo absoluto da língua perdura até os dias atuais. Com o avanço das redes sociais, alguns sujeitos conseguiram terem acesso a gramática normativa, porém, ao invés de haver melhorado a situação, o preconceito linguístico se acentuou por meio de postagens as quais demonstram de forma implícita e explícita o preconceito linguístico.

É notável a falta de publicações as quais ajudem a diminuir a depreciação em relação as variedades consideradas erradas pela classe prestigiada. Além disso, assim como afirma (BAGNO, 2002 p. 23), “O preconceito linguístico é tanto mais

poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de quase ninguém fala dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo”. Poucas são as pessoas que se empenham em pesquisar sobre esse assunto. Nas redes sociais, por exemplo, são mínimas as publicações que falam a respeito desse assunto, e sobre as consequências que as ações preconceituosas podem causar na vida das vítimas.

“...A escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independentemente da sua idade, de sua origem geográfica, de seu grau de escolarização, etc.” (BAGNO, 2002, P. 27). Com essa afirmação de Bagno (2002), percebemos que, a imposição da língua culta acontece de forma contínua; e a falta de compreensão é imensa. Na maioria das vezes, isso acontece na escola, um lugar o qual deveria buscar meios para combater toda e qualquer forma de preconceito. Na maioria das vezes o ambiente escolar é o lugar que mais possui os discursos sobre “Falar certo e errado”. E sabemos que, esses dizeres fortalecem o preconceito linguístico, pois, para a sociedade a qual preza pelas regras gramaticais, quem não fala de acordo com a língua padrão é considerado “ignorante”.

Além disso, poucas pessoas se interessam em buscar entender os motivos pelos quais determinada comunidade não utiliza a variação prestigiada da língua. Isso acontece, porque, segundo Bagno (2002), Como a educação de qualidade ainda é privilégio de muita pouca gente em nosso país, muitos brasileiros permanecem a margem do domínio das formas prestigiadas do uso da língua. Isso também é um dos motivos da existência do preconceito linguístico; A falta da oferta de um ensino excelente que, ajude a esses/essas estudantes a romperem com os dizeres sobre “falar certo e errado”.

Toda língua portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (MOLLICA e BRAGA, 2003, P. 13)

O modo de falar das pessoas as quais não falam segundo a gramática normativa normalmente é visto como estigmatizado. Mollica e Braga (2003, P. 5) concordam com esse argumento quando dizem: “Os usuários das formas sem prestígio, e sobretudo das formas estigmatizadas são rotulados de descuidados e

ignorantes das belezas da língua padrão”. Por tanto, diante dessa afirmação, é possível notar a gravidade dessa situação, tendo em vista muitas pessoas ainda considerarem irrelevante a pesquisa sobre a sociolinguística, e por isso não entendem sobre a real importância desses estudos. É fundamental que saibam que, o estudo minucioso sobre essa vertente da linguística, nos possibilita conhecer outras possibilidades linguísticas, e a entender os mais diversos modos de falas em cada contexto social.

3.1 Percepção dos/das estudantes referente a música “Samba do Arnesto”

A música “Samba de Arnesto” é de Adoniran Barbosa, um cantor-compositor e comediante Brasileiro. “Um paulista de cerne que exprime a sua terra com força da imaginação alimentada pelas heranças necessárias de fora. (MUGNAINI JR, 2013 p. 134). Segundo Ayrton Mugnanaini Jr (2013), Adoniran, o Arnesto sempre existiu, e se chamava Ernesto, o seu nome verdadeiro era Walte; ou simplesmente nunca fui à casa dele, nunca existiu. Essa canção foi colocada no plano de aula para o estágio de regência no primeiro ano (ensino médio). Na escola Estadual de educação básica de Pariconha. Ao coloca-la para tocar, notamos que os alunos estranharam as palavras presentes na música. Na sequência, houve a continuidade da explicação a respeito da variação linguística. Foi mostrado através da música “Samba de Arnesto” uma variação considerada desprestigiada, e após a escuta da música, houve um debate.

Nesse debate, todos e todas da sala alegaram nunca terem ouvido falar sobre preconceito linguístico, e focaram apenas nas palavras “erradas” presentes na música. Além disso, acharam estranho quando foi mencionado que não era uma atitude agradável corrigir um/uma colega de classe, principalmente na frente de outras pessoas. As reações eram de espantos e estranhamento. Depois de ouvirmos os/as estudantes, foi pedido que fizessem uma atividade escrita de apenas vinte linhas, mas não ficaram satisfeitos com a quantidade de linhas solicitadas.

Na análise das atividades, foi possível compreender que, mesmo com a explicação e a música, os/as discentes do primeiro ano optaram por transcreverem a maioria das palavras colocando-as como erradas, e não acrescentaram justificativa alguma, pois, segundo eles e elas, escrever dez linhas sobre esse conteúdo é

extremamente cansativo, haja vista que, nunca haviam ouvido falar nada a respeito. Na aula seguinte, foi pedido que lessem o texto em alta voz e falassem algo relacionado ao assunto, mas todos e todas apenas fizeram a leitura. Sendo assim, diante de tudo que presenciamos na sala de aula, notamos que: “Qualquer variedade cuja morfossintaxe e léxico desviem-se do português padrão efetivamente usado é considerada ruim e indesejável, independentemente do contexto que ocorra” (BORTONI-RICARDO 2005 p. 27).

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), as variedades que não estão de acordo com a norma culta da língua são consideradas erradas. Alguns sujeitos os quais tiveram acesso aos estudos das regras gramaticais, proferem a seguinte sentença “Assassinaram a língua portuguesa”. Percebe-se que, as pessoas as quais enxergam a língua desse modo, não conheceram a amplitude dos estudos linguísticos. Não sabem também que existem outras variedades linguísticas não mencionadas na maioria dos livros didáticos, e não citadas nas aulas de língua portuguesa. Além disso, muitos sujeitos não conhecem alguns sites que falam sobre sociolinguística, pois, são sites poucos divulgados, e em virtude disso, a maioria das pessoas não sabem nada a respeito deste assunto.

“A gramática tradicional, em sua vertente normativo-prescritiva, continua firme e forte, como é fácil verificar nos compêndios gramaticais mais recentes”. (BAGNO, 2002 P. 94). Em virtude disso que, a maioria dos professores e professoras se detém em ensinar somente a norma culta, e por isso, os/as estudantes ficam acostumados a decodificarem regras gramaticais. Sendo assim, entende-se que, mesmo sendo necessária, a gramática normativa por si só não dar conta de despertar nos alunos e alunas um “olhar crítico”, para assim se posicionarem dentro e fora do ambiente escolar. Por tanto, seria necessário a aplicação de uma didática que instigue os/as estudantes a pensarem de forma crítica e que aprendam a produzirem textos a partir da percepção que tiveram em relação ao aprendizado nas aulas.

A intenção do plano de aula feito para o estágio de regência, foi na tentativa de ajudar a romper com os discursos implantados na escola sobre as variações desprestigiadas. Somado a isso, foi mostrado as consequências do preconceito linguístico e algumas maneiras de evita-lo. Mas foram poucas aulas, e por essa razão não foi o suficiente para explicar todo o assunto. É importante destacar que, é necessário ensinar os conteúdos referentes a sociolinguística desde o ensino fundamental, afim de demonstrar a importância de respeitar outras variações.

Ensinando também que, o fato de alguém se comunicar de uma forma a qual não está de acordo com as regras gramaticais, não significa que a pessoa é apedeuta.

Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua, na concepção científica da linguística moderna, significa conhecer intuitivamente e empregar com facilidade e naturalidade as regras básicas de funcionamento dela. (BAGNO, 2002, p. 51). Diante das afirmações de Bagno (2005) é possível entender que, cada um dos falantes possuem uma variação a qual aprendeu em sua comunidade de fala, sendo assim, não é dever do professor retirar do aluno o que ele já possui e levou para escola, mas apresentar outras possibilidades. Fazendo isso, é possível mudar a concepção sobre a ideia de “um português difícil”, assim como afirma Bagno:

Se tantas pessoas inteligentes cultas continuam achando que português que “não sabem português” ou que “português é muito difícil” é porque o uso da língua foi transformado numa “ciência esotérica”, numa “doutrina cabalística” que somente alguns “iluminados” (ao sumos sacerdotes da gramática normativa) conseguem dominar completamente. (BAGNO, 2002, p.54)

Sendo assim, é provável que muitas pessoas consideram o português difícil por conta da memorização de muitas regras. E em razão disso, alguns discentes não gostam das aulas de língua portuguesa, pois precisam aprender todas as classes gramaticais. Por tanto, se faz necessário levar para as aulas conceitos que mudem essas concepções limitadas a respeito da língua, ensinado que, “... As línguas variam e mudam ao sabor dos fenômenos de natureza sociocultural que caracterizam a vida na sociedade”. (EDUARDO MARTELLLOTA, et al; P.19)

3.2 Análise das respostas de 6 estudantes do nono ano referente a atividade baseada na música “Samba de Arnesto”

Samba do Arnesto (Adoniran Barbosa)

O Arnesto nos convidou

Prum' samba, ele mora no Brás

Nós fumos, não encontremos ninguém

Nós vortermos com uma baita de uma reiva

Da outra vez, nós não vai mais
 Nós não semos tatu
 O Arnesto nos convidou
 Prum' samba, ele mora no Brás
 Nós fumos, não encontremos ninguém
 Nós vortemos com uma baita duma reiva
 Da outra vez, nós num vai mais
 No outro dia encontremo com o Arnesto
 Que pediu desculpas, mas nós não aceitamos
 Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
 Mas você devia ter ponhado um recado na porta
 O Arnesto nos convidou
 Prum' samba, ele mora no Brás
 Nós fumos, não encontremos ninguém
 Nós vortemos com uma baita duma reiva
 Da outra vez, nós num vai mais
 No outro dia encontremo com o Arnesto
 Que pediu desculpas, mas nós não aceitamos
 Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
 Mas você devia ter ponhado um recado na porta
 Um recado ansim', óia
 Ói, turma, num deu pra esperar
 Ah, duvido que isso num faz mar, num tem importância
 Assinado em cruz, porque não sei escrever
 Arnesto.

A atividade possui apenas uma questão pedindo que os/as estudantes transcrevessem as palavras as quais considerassem erradas, e em seguida justificassem as suas respostas. O pátio foi o lugar escolhido para responderem a pergunta. A professora de língua portuguesa ficou responsável para selecionar os/as discentes que iriam responder ao exercício. Em virtude de ter sido fora da sala de aula, foi possível não só ler as respostas, como também ouvir o diálogo entre as alunas enquanto escreviam. Diferente dos/das alunas(os) do primeiro ano, as estudantes não escutaram a música, apenas leram. Através das respostas, foi

possível notar o estranhamento ao terem contato com uma variação considerada errada pela norma padrão da língua.

A frase “da outra vez nós num vai mais” merece destaque, pois percebemos que alguns não estranharam esse trecho da música. Essa é uma parte na gramática normativa a qual diz que, na sentença o verbo possui dependência do seus complementos. No seu livro sobre gramática normativa, Cegalla (2008), afirma que, a concordância verbal é a harmonia entre o verbo e o sujeito. Nas respostas das estudantes, podemos notar não só a ênfase na importância das concordâncias verbais e nominais como também, a importância de conjugar os verbos da forma como orienta os manuais da gramática normativa. Sendo assim, as respostas coincidem com o que (CEGALLA, 2008 p. 194) afirma: “Verbo é uma palavra que exprime ação, estado ou fenômeno”. Para esse teórico, conjugar os verbos de acordo com as regras gramaticais é essencial. Cegalla afirma essa ideia quando diz:

Diferente de palavras o verbo é a mais rica em flexões. Com efeito, o verbo reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo e a voz. Ao conjunto ordenado das flexões ou formas dá-se o nome de conjugação. (CEGALLA, 2008, p. 194)

Por tanto, com a análise de cada uma das respostas, foi possível perceber a preocupação em conjugar os verbos de forma “correta”, no entanto, no texto escrito por elas, não possui nada referente a variações que não expressam flexão de verbos no tempo e nos modos indicados pela língua padrão. Sabemos que isso acontece, porque, a maioria dos livros didáticos apresentam apenas conteúdos relacionados a regras gramaticais, e em virtude disso, a maioria dos professores e das professoras, exploram apenas esses assuntos nas aulas. Nesse sentido, notamos que, tanto a turma do primeiro ano, quanto a turma do oitavo, não haviam ouvido falar sobre preconceito linguístico. Para essa análise, é necessário ler as 6 respostas da atividade:

Resposta 1

Milena Alves Xavier 9º B

Samba do Arnesto (Adoniran Barbosa)

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortermos com uma baita de uma reiva
Da outra vez, nós não vai mais
Nós não semos tatu

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortermos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortermos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta

Um recado ansim', ói
Oi, turma, num deu pra esperar
Ah, duvido que isso num faz mar, num tem importância
Assinado em cruz, porque não sei escrever

1- Transcreva as palavras as quais você considera erradas na música "Samba do Arnesto" e justifique a sua resposta.

fumos, encontremos, vortermos, reiva, não vai, semo-
tatu, Prum', Baita, encontremo, aceitemos, nós não
se importa. Aiem de umas palavras estarem escri-
tas errado, algumas palavras estão no tempo
errado, algumas palavras estão no presente
mas deveriam estar no futuro.

Na resposta número um, percebe-se que, a estudante se preocupa em frisar a importância de conjugar os verbos da forma orientada pela gramática normativa. Uma das palavras as quais ela destaca é “encontremos”, verbo que indica presente do modo subjuntivo, porém na sentença traz o sentido de ação realizada no passado (pretérito perfeito). Nesse sentido, entende-se que, a aluna destaca a importância de

conjugar os verbos da forma que a norma culta determina. Entretanto, é necessário pontuar que, em algumas comunidades a frase “nós vai” para indicar o tempo futuro é usada até mesmo por estudantes universitários. Outra frase a qual ela pontuou “Nós não se importa”. Essa sentença nos mostra a substituição do “nos” pelo “se” e de “importamos” por “importa”. Essa também se refere a mais uma regra da gramática relacionada a concordância do verbo em número e pessoa com o sujeito.

A variação de concordância é parte inerente do nosso sistema linguístico (é parte inerente também do francês, do inglês, do espanhol de porto rico, , do crioulo de cabo verde de outras tantas línguas), mas a quantidade da variação, no Brasil, é marca de classe social., inquestionavelmente, as pessoas mais escolarizadas, mais sensíveis às marcas de prestígio e que exercem profissões de trato público tendem a fazer mais concordâncias e, se não fazem, são criticadas também por nós, que também deixamos de fazer concordâncias verbais e nominais, de forma regular , quer queiramos ou não, que reconheçamos ou não. (BAGNO, 2005 p. 214)

Diante das afirmações de Bagno (2005), entende-se que, na escola, os/as estudantes são ensinados(as) a falarem de acordo com a norma culta e, em virtude disso que o preconceito linguístico é tão evidente em vários lugares, pois, quando algumas pessoas as quais se debruçam nos estudos das regras gramaticais ouvem sujeitos os que não tiveram acesso a esses compêndios da norma culta, na maioria da vezes, corrigem e podem até mesmo escarnecerem. E diante da resposta dessa estudante é possível notar que, ela pontuou algo relacionado a conjugação dos verbos, mas não mencionou se estava se relacionando a escrita ou a fala.

Resposta 2

Maria Antônia g=B

Samba do Arnesto (Adoniran Barbosa)

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumôs, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita de uma reivã
Da outra vez, nós não vai mais
Nós não semos tatu

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta

Um recado ansim', ôi
Ôi, turma, num deu pra esperar
Ah, duvido que isso num faz mar, num tem importância
Assinado em cruz, porque não sei escrever

1- Transcreva as palavras as quais você considera erradas na música "Samba do Arnesto" e justifique a sua resposta.

Prum, fumôs, reivã, semos, num, duma, encontremos, aceitemos, vortemos, ansim', mar

Porque todas essas palavras estão escritas de forma errada, e não se encaixam no texto.

Nessa resposta, nota-se que, assim como a primeira, a estudante destacou alguns verbos, e usou a sentença: "todas essas palavras estão erradas" para pontuar sua opinião em relação as escolhas linguísticas presentes na música. Além

disso, não vemos nada a respeito relacionado a variação linguística. Também percebemos que, ao colocar todas as palavras como erradas, a aluna generaliza, e não coloca na sua escrita nada referente a conteúdos os quais demonstrem a língua como algo que se modifica.

“Não se encaixam no texto”. Com essa frase, surge a seguinte indagação: “Será que não se encaixam no texto, porque as palavras não estão de acordo com a norma padrão?”. É comum na sociedade, as pessoas entenderem como errada toda e qualquer fala que não se encaixam nas regras gramaticais. E em razão disso, se alguém não se enquadra a gramática tradicional, é tido como desprovido ou desprovida de inteligência. Essas ideias vão se espalhando em vários lugares, fortalecendo assim o preconceito linguístico.

Resposta 3

Wainaly Dias da Silva Figueiredo 9-B

Samba do Arnesto (Adoniran Barbosa)

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita de uma reiva
Da outra vez, nós não vai mais
"Nós não semos tatu"

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
"Nós vortemos" com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta"

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta

Um recado ansim', ói
Ói, turma, num deu pra esperar
Ah, duvido que isso num faz mar, num tem importância
Assinado em cruz, porque não sei escrever

1- Transcreva as palavras as quais você considera erradas na música "Samba do Arnesto" e justifique a sua resposta.

Nós não semos tatu, Nós vortemos, devia ter ponhado um recado na porta.
: essas palavras no meu lês não estão erradas porque está no linguajar nordestino

Essa estudante tocou em uma questão regional, mas na frase em que ela fala do no nordeste há uma generalização implícita ao mencionar sobre todas as pessoas as quais moram no nordeste fazem uso da variação presente na música. O verbo também foi pontuado. "Nós vortemos" é indicado como algo errado de acordo

com a norma culta, mas além de afirmar que as palavras estão erradas, ela coloca que é “um falar nordestino”. Nessa frase, vemos a reprodução do preconceito linguístico. Sabemos que essa escrita não foi intencional, pois, esses dizeres estão presentes ao longo dos anos e permanece nos dias atuais.

Sendo assim, ao afirmar que nordestino fala errado, vemos por trás dessa frase a reprodução de um falar presente em diversas redes sociais, telenovelas e entre outros. Se pararmos para ler diversas pesquisas referentes aos falares regionais, percebemos que não é apenas quem mora no nordeste que não faz uso de todas as normas gramaticais. Segundo (BAGNO, 2002, p. 147), “uma elevada porcentagem do que se rotula “erro de português”, é na verdade mero desvio da ortografia oficial”. E isso acontece porque, desde que os/as discentes começam a estudar, na maioria das vezes, vêm somente conteúdos sobre a língua padrão;

Resposta 4

Aluna: Flávia Alessandra da Silva da Fonseca.
9B

Samba do Arnesto (Adoniran Barbosa)

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita de uma reiva.
Da outra vez, nós não vai mais
Nós não semos tatu

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta

Um recado ansim', ói
Ói, turma, num deu pra esperar
Ah, duvidó que isso num faz mar, num tem importância
Assinado em cruz, porque não sei escrever

1- Transcreva as palavras as quais você considera erradas na música "Samba do Arnesto" e justifique a sua resposta.

De acordo com as regras do português, do modo que o texto está escrito, todas as palavras que destaquei estão erradas, exemplo:

prum = para
fumos = fomos
emcontremos = encontramos
reiva = raiua
semos = somos
duma reiva = de uma raiua
num vai = não vamos
mar = mal
entre outros...

“Qualquer manifestação linguística que escape desse triangulo escola-gramática-dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 2002, p. 56) Segundo as argumentações de Bagno (2002) tudo que não

se alinha aos padrões da norma culta é considerado errado. Sendo assim ao destacar: “De acordo com as regras do português” é possível perceber que o conteúdo mais visto em sala de aula são regras gramaticais, pois a justificativa está pautada na gramática normativa. E assim como está presente nas respostas anteriores, nessa também foi destacado o verbo “encontremos”, desse modo, percebe-se que, conjugar verbos de forma “correta” é de extrema importância para todas as meninas as quais responderam a atividade. Porém, não foi colocado em nenhuma resposta nada retratando outras formas de estudo da língua.

O uso “Num vai” por exemplo é usado pela maioria das pessoas. É possível notar isso em uma conversa entre amigos, e na escola também. O “fumos” também foi destacado nessa resposta. Mas não vemos nada que demonstre algum conhecimento referente aos usos linguísticos das pessoas as quais não tiveram nenhuma oportunidade de estudar. “Duma reiva” como já mencionado, não altera o sentido da frase, mas indica que, a pessoa a qual falou essa frase, aprendeu a se comunicar dessa forma na comunidade em que vive. E por não ter tido contato com as regras gramaticais, se expressa da forma como cresceu ouvindo as pessoas do seu convívio. Ao estudar, a pessoa que nunca ouviu falar nada a respeito da norma culta, pode mudar a sua maneira de falar, pois verá outras possibilidades linguísticas, mas isso não quer dizer que ela irá substituir todos os arranjos linguísticos as quais aprendeu em sua comunidade de fala.

Desse modo, seria necessário os debates sociolinguísticos, pois segundo (MARTELOTTA, et, al, 2008 P.152), “A sociolinguística cria nos (futuros) professores uma visão menos preconceituosa e incentiva-os a valorizar todos os dialetos e a mostrar a criança que o dialeto culto é considerado belo socialmente, mas que estruturalmente não é nem melhor nem pior que o dialeto da comunidade do aluno”. Além disso, é uma área que segundo Martelotta (2008), baseia-se na produção real do indivíduos, ou seja, ela analisa os falares reais e se afasta de ideias que limitem o estudo da língua.

Resposta 5

Exo Sabrina de Sá Pereira 90B

Samba do Arnesto (Adoniran Barbosa)

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não'encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita de uma reiva
Da outra vez, nós não vai mais
Nós não semos tatu

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitamos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponnado um recado na porta

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitamos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponnado um recado na porta

Um recado ansim', oi
Oi, turma, num deu pra esperar
Ah, duvido que isso num faz mar, num tem importância
Assinado em cruz, porque não sei escrever

1- Transcreva as palavras as quais você considera erradas na música "Samba do Arnesto" e justifique a sua resposta.

Prum, encontremos, vortemos, reiva, semos, fumos, duma, num, em-
contremo, ponnado, escreveu errado as palavras

vai, importa • escreveu na frase errada, tinha que ser
na Plural

Nessa resposta, também há questão de concordância, algo muito mencionado por alguns linguistas em muitas pesquisas, onde mostra que muitas pessoas não fazem uso da concordância. É importante destacar também que a frase "nós vai" não é utilizada apenas no nordeste. Por isso, é necessário uma análise minuciosa das variações linguísticas para assim compreender os usos linguísticos em cada contexto. Por tanto, de acordo com as ideias de (BAGNO, 2005, P. 276):

Não deve deixar de ser ressaltado que, entre os fatos sintáticos que caracterizam a sintaxe brasileira, em relação à tradição normativa, a concordância tanto verbal-nominal como no interior do sintagma nominal certamente será aquele que é mais facilmente apreensível no julgamento ou avaliação social como traço estigmatizante.

Por tanto, julgar alguém pelo fato de não fazer concordância verbal ou nominal no uso da comunicação, é depreciar diversas variações linguísticas, pois em diversas comunidades é possível perceber a ausência dessas concordâncias. Porém muitas pessoas preferem seguir apenas o que muitos gramáticos falam a respeito da sintaxe. (CEGALLA, 1964 p. 438), por exemplo, diz que “O verbo concordará com o sujeito da oração em número e pessoa (Concordância verbal)” e “Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem (concordância nominal)”.

Resposta 6

Sofia Santos Ramalho 9^b

Samba do Arnesto (Adoniran Barbosa)

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita de uma reiva!
Da outra vez, nós não vai mais
Nós não semos tatu

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo' com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitemos'
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta

O Arnesto nos convidou
Prum' samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita duma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo' com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitemos'
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta

Um recado ansim', ói
Ói, turma, num deu pra esperar
Ah, duvido que isso num faz mar, num tem importância
Assinado em cruz, porque não sei escrever

1- Transcreva as palavras as quais você considera erradas na música "Samba do Arnesto" e justifique a sua resposta.

PRUM, FUMOS, VORTERMOS, REIVA, SEMOS, TATU, ENCONTREMOS, DUMA, ACEITEMOS, PONHADO, ANSIM, ÓI, MAR; ESSAS PALAVRAS ESTÃO COMPLETAMENTE ERRADAS E NÃO TEM LOGICA.

Na resposta 6, também foi colocado os verbos que, segundo as regras gramaticais eram para serem colocados no tempo presente. A palavra "reiva" há substituição da vogal a por "e", mas ao ler a sentença: "Nós vortemos numa baita de uma reiva", conseguimos compreender o que o personagem quis expressar. Desse modo, a presença da frase "Completamente errada", indica que não existe sentido algum no texto, entretanto, percebemos que, ao ler a música é possível entender todas as palavras. A frase destacada demonstra que o texto não produziu sentido. Porém, ao ler a música, é possível compreender cada elemento presente, mesmo com a mudança de alguns morfemas e fonemas.

O “fumos” destacado na resposta da aluna, é uma palavra a qual ainda é usada em alguns contextos. Em se tratando de regras gramaticais, essa palavra não seria aceita de forma alguma. Sendo assim, ao destacar essas palavras, a aluna indica que nunca ouviu falar sobre variação linguística, e nenhum assunto referente a sociolinguística. Entendemos que, a depender do contexto é necessário se adequar a forma de falar. Porém, uma pessoa a qual não possui estudos, não conseguirá aderir a essa ideia, em razão disso, se faz necessário analisar se o que a pessoa disse produziu sentido, pois na maioria das vezes, produz.

Além disso, segundo Bagno (2002), Não é adequado que um agrônomo se dirija a um lavrador analfabeto usando uma terminologia altamente técnica e especializada. Desse modo, é importante sabermos utilizar a língua de modo que consigamos nos comunicar de forma clara em todas as esferas sociais. Pois, não seria ideal conversar fazendo uso de palavras rebuscadas com uma pessoa a qual não possui escolaridade, visto que, o sujeito não entenderá o que está sendo dito. Em uma reunião, é necessário que seja usada uma linguagem mais formal, mas sem a necessidade de forçar o uso de palavras que ainda não fazem parte “do nosso vocabulário”.

4 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

De acordo com as experiências vivenciadas no período de estagio, foi possível perceber que, o ensino da variação linguística é pautada na mudança de palavras em cada região. Ou seja, a palavra “geladinho” por exemplo, em alguns estados é conhecido como “Dindi”, “sacolé” “chupe chupe” Além disso, quando é perguntado a respeito do “preconceito linguístico”, muitos afirmam nunca terem ouvido falar sobre esse assunto, visto que, os conteúdos mais explanados nas aulas são os que ensinam a “falar correto”. Todavia, as classes menos favorecidas não tiveram acesso a estudos gramaticais. A maioria das pessoas da zona rural, por exemplo, tiveram que abdicar dos estudos, pois precisavam trabalhar com os pais na roça. Precisavam escolher estudar ou plantar para conseguirem alimentos. Sendo assim, muitos aprenderam a falar de acordo com o contexto social o qual vivem.

Seria ótimo que a escola fosse um ambiente que criasse projetos os quais ajudassem a reduzir em grande medida o preconceito linguístico. Pois, nas aulas de estágio foi possível notar a presença de dizeres dotados de preconceito. Frases como: “Você não sabe falar” e “Assassinou a língua portuguesa” são faladas com frequência. Diante dessas observações, percebemos o quanto todas as formas de preconceitos são sérias. Sendo assim, é necessário falar sobre racismo, homofobia, intolerância religiosa, feminicídio, suicídio, mas também é preciso falar sobre preconceito linguístico, afim de fazer as pessoas perceberem que, piadas sobre o modo de falar de alguém, também podem gerar gatilhos de ansiedade. Desse modo, é importante ressaltar que, esse não é um simples conteúdo ou “besteira”, como muitos falam, mas trata-se de algo pouco mencionado nas escolas. Por tanto, com base em Bagno, compreende-se que:

Esforçar-se para que o aluno conheça de cor o nome de todas as classes de palavras, saiba identificar os termos da oração, classifique as orações segundo seus tipos, decore as definições tradicionais de sujeito, objeto verbo, conjunção etc.---nada disso é garantia de que esse aluno se tornará um usuário competente da escrita mais monitorada. (BAGNO, 2002 p. 144).

Sabemos também que, cada região possui a sua forma de usos linguísticos. E o estudo da linguagem segundo Mollica e Braga (2003), tem como objetivo descobrir quais são as normas linguísticas de uma comunidade. Sendo assim, afirma-se que, a convivência com uma determinada classe de pessoas possui grande influência na forma como falamos. Também é papel da sociolinguística pesquisar em determinada comunidade a variação, descobrindo assim, os motivos pelos quais os sujeitos desse lugar se comunicam de determinada forma.

Ao debater sobre esse conteúdo na aula de estágio, alguns estudantes falaram apenas sobre variação linguística, mesmo tendo sido explicado também sobre preconceito linguístico. Alguns e algumas transcreveram absolutamente tudo que ouviram na canção, pois estranharam tudo que foi explicado em relação a música. O motivo desses estranhamentos, é simplesmente porque vivemos em uma sociedade a qual a gramática normativa é “o centro de todo o ensino”. Muitas vezes ouvimos de alunas e alunos que, a língua portuguesa se resume em saber as 10 classes gramaticais. Sendo assim, quando chega à escola um professor que não ensina somente a norma culta, é considerado “estranho” por parte da maioria. É importante pensar o porquê a produção de 20 linhas é tão cansativo para os estudantes, mas classificar termos é satisfatório para eles e elas. Visto que, desde que adentram à escola, nos anos iniciais na maioria das vezes aprendem apenas a codificar e decodificar.

Muitos tratam a língua como algo estático, esquecendo que ela se modifica, por tanto se faz necessário preparar os alunos e alunas para entenderem a língua em movimento e os sentidos implícitos nos textos, pois, não adianta saber o que é um substantivo ou adjetivo, e não compreender o funcionamento desses elementos nos gêneros textuais. Desse modo, ao levar para a sala de aula assuntos que ajudem os/as discentes entenderem sobre outras variações, contribuimos com a diminuição dos discursos sobre “falar certo e errado”. A música Samba do Arnesto”, por tanto trata-se de um falar estigmatizado pela classe prestigiada. Porém se atentarmos para todas as palavras tratadas como erradas, notamos que, todas elas produzem sentido.

Algo que foi mencionado pelas alunas também foi a respeito da concordância nominal e verbal. Elas não citaram nada sobre essa classe gramatical, mas transcreveram frases as quais não faziam a concordância. Sendo assim, notamos

que esse conteúdo foi explorado nas aulas de língua portuguesa. Contudo, foi possível notar também a ausência do assunto referente a variação linguística. Visto que, é necessário demonstrar a importância das concordâncias verbais e nominais para uma boa escrita, mas seria fundamental que fosse ensinado outras possibilidades linguísticas, principalmente em se tratando do falar de várias pessoas que não fazem concordância. O uso da frase: “Nós vai” presente na música, por exemplo, é falada por diversas pessoas. Além disso, como diz Antunes:

Não basta saber, insisto, que o pronome é uma palavra que substitui o nome, ou que uma elipse é a omissão de um termo recuperável pelo contexto precedente. Não basta ainda saber que existe um artigo que é definido, e outro que é indefinido. É preciso saber que efeitos o uso de um ou de outro provoca na sequência do texto. (ANTUNES, 2009, p.59)

A gramática normativa é muito aclamada em vários lugares, principalmente na escola, um ambiente o qual deveria ensinar também assuntos relacionados a sociolinguística, haja vista ser um tema que abre espaço para os alunos e alunas se posicionarem, contando as suas experiências, e que através desses diálogos, haja uma troca de saberes na sala de aula. Por tanto, seria necessário esses debates sociolinguísticos, haja vista que, ajudará a esses/essas alunas entenderem sobre a variação linguística; somado a isso, ampliará a concepção que eles e elas possuem a respeito da língua. Essa teoria vem sendo ensinada ao longo dos anos, mesmo sendo uma língua que desde o passado é falada apenas pelas classes prestigiadas residentes nas grandes Cidades. Contudo, a mídia tenta à todo momento provar que é possível essa variação de prestígio ser falada pelas classes desprestigiadas, pessoas que não tiveram condições de estudar, e por isso não tiveram acesso a gramática normativa.

Em termos bem gerais, podemos dizer que estudar mais que gramática leva a procurar explorar o conhecimento de outras áreas, de outro domínios e assumir a imprescindíveis e pertinentes. Por tanto não tem fundamento, a orientação de que “não é para ensinar gramática. Repito: não é para ensinar apenas gramática. (ANTUNES, 2009, p.65)

É comum também vemos nas escolas, o julgamento de alunos, quando um professor, especificamente, o de língua portuguesa usa alguma palavra a qual não está de acordo com a norma culta. Um exemplo disso, aconteceu quando a

professora citou que iria dar “de mamar” e causou estranhamento por parte dos estudantes. É possível avaliar também a frequência de piadas pejorativas com quem não fala de acordo com as normas gramaticais. O tom de ironia, deboche e escárnio acontece de forma demasiada. Mas como o ensino da gramática está enraizado, romper com esses falares preconceituosos se torna desafiador. Dessa forma, seria necessário uma reunião com todos os funcionários da escola para juntos elaborarem algo que possa contribuir com a desconstrução do preconceito linguístico.

O intuito dos debates em sala, não é ressaltar que a gramática normativa não é importante, mas sim, mostrar que ela não é a única forma de estudar a língua, e apesar de ela ser fundamental, não consegue por si só dar conta de despertar no aluno o senso crítico para entender o seu lugar no mundo. As regras servem para escrever melhor, mas além de utilizar essas normas no texto, a gramática normativa impõe regras para “saber falar”.

Por tanto, para ensinar esse assunto na escola, é necessário ter coragem, pois, a forma como os/as estudantes recebem esse conteúdo, causa desmotivação em quem está ensinando, no entanto, é preciso entender que, esse estranhamento por parte dos estudantes está relacionado a falta de ensino sobre sociolinguística nas escolas. Diante disso, podemos entender que, a falta de pessoas as quais estejam dispostas a ensinar a língua considerada viva está escassa. Além disso, a gramática normativa é o assunto considerado por muitas pessoas o mais relevante para o ensino de língua portuguesa, pois de acordo com Antunes (2009) já nas primeiras séries do ensino fundamental, começa a ansiedade de todos e todas por demonstrar com definição e tudo, os substantivos, os adjetivos, os verbos, e demais contos do rosário terminológico

4.1 Desafios para o ensino da sociolinguística

A história da cultura ocidental nos explica por que existiu (E existe) esse apego ao “ensino de gramática” na tradição escolar, desde a queda do império Romano (século IV) até o final da idade média (século XV), a única língua que era objeto de ensino nas instituições educacionais desse longo período (mais de mil anos) era o latim” (BAGNO, 2002, P. 83).

Em virtude da gramática normativa ser o conteúdo mais aplicado nas escolas, os alunos entranham qualquer tipo de assunto os quais não sejam dentro desse conteúdo, além disso, por mais que seja explicado sobre outras percepções a respeito da língua, a ideia que vai prevalecer é a padrão, pois não é algo comentado com frequência nas aulas. Os alunos/as estão acostumados/das a decodificar textos e fazerem muitas atividades as quais não ajudam a despertar o senso crítico. Por

tanto: “Qualquer variedade cuja morfossintaxe e léxico desviem-se do português padrão efetivamente usado é considerada ruim e indesejável, independentemente do contexto que ocorra” (BORTONI-RICARDO, 2005 p.27).

O costume é decorar regras e memorizar todas as classes gramaticais afim de que aprendam a falar correto, mas não se preocupam em ouvir os/as alunos/as e entender se ele está apto à entender textos, principalmente os que chegam até eles/elas nas redes sociais. Por tanto, ao chegar na escola com algo que não seja conteúdos sobre regras gramaticais, os/as estudantes questionam se esses conteúdos fazem parte do ensino da língua. Além disso, se negam a fazer um texto dissertativo a respeito do conteúdo, com a justificativa de que nunca ouviram falar sobre o assunto. Alguns recorrem ao google para saber o que é preconceito linguístico e copiam. Outros se negam a acreditar que não seria plausível corrigir a fala de alguém, e principalmente, o falar daquelas pessoas que não tiveram as mesmas oportunidades de estudo.

Não se pode pensar os problemas linguísticos da escola sem ter em mente essa diversidade. Em consequência disso, as questões que envolvem os alunos de classe média naturalmente não são as mesmas que envolvem os das classes populares (BAGNO, 2005, P. 231).

Por tanto, segundo (BAGNO, 2005), Pode parecer que a adoção de uma gramática normativa atualizada que refletisse bem a variedade brasileira culta, resolveria todos os problemas, mas isso é totalmente utópico, pois sabemos que saber todas as regras gramaticais não é sinônimo de inteligência, assim como muitas pessoas dizem, além disso:

... Mesmo que isso ocorresse, porém, ela ainda padeceria do mal de eleger, como único e verdadeiro, o dialeto da classe dominante, negando estigmatizando (como faz agora) as outras variedades linguísticas, alijando grupos sociais que não a dominam, convencendo os próprios usuários desses dialetos de que não sabem falar” (BAGNO, 2005, p. 234)

A falta de autonomia dos/das professores que vêm de uma formação acadêmica onde foi ensinado a relevância dos estudos sobre sociolinguística é evidente, pois quando esse/essa docente propõe levar esse conteúdo para explicar na sala de aula, é surpreendido por várias respostas que desmotivam. Uma delas e que “Esses assuntos incentivam os/as discentes a falarem errado”. No entanto o objetivo desses estudos não é incentivar a falar “errado” e sim apresentar outras variações e ressaltar sobre a importância de respeitar o falar de todos e todas as pessoas, principalmente aqueles e aquelas que não conhecem nada a respeito das normas gramaticais. “

Parece-me justo esperar duas coisas de um bom programa de ensino de língua materna: que ele priorize o que é mais funcional na língua, isto é, a aprendizagem de aspectos linguísticos que facilitem a comunicação com

indivíduos de outras comunidades e que estimulem a utilização de outras variedades;” (BAGNO, 2005, P. 239)

Mesmo com todas as dificuldades para a realização desses debates, seria necessário insistir para que eles aconteçam, afim de que o ensino das regras gramaticais deixem de ser único. Desse modo, os/as discentes poderão desfrutar de estudos os quais demonstrem a língua em movimento, e rompem com a ideia de que existe um “falar certo e um errado”. Porém entendemos que, a explanação desses conteúdos não é uma tarefa fácil de ser realizada, pois os primeiros que exigem o ensino da gramática normativa são os pais das/dos alunos. Antunes (2009) concorda com esses argumentos quando diz:

Quantas vezes as escolas já presenciaram a ansiedade dos pais em pedir aulas de gramática, em apressá-las, mesmo nos primeiros ciclos dos estudos do ensino fundamental, como se o conhecimento da gramática fosse suficiente para garantir o desenvolvimento satisfatório do bom desempenho das crianças!” (ANTUNES, 2009, p.57)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto, foi possível entender a importância dos estudos sobre a sociolinguística nas escolas, pois, a experiência de estágio demonstrou o estranhamento que os/as estudantes apresentavam quando era mencionado um assunto o qual não fosse referente a regras gramaticais. Além disso, com as análises das respostas, percebemos o quanto os/as discentes focaram apenas na questão da norma culta, e não acrescentaram nada a respeito da variação linguística. Nesse sentido, entende-se que, a prioridade do ensino são conteúdos que ensinem os alunos “a falarem correto”, como por exemplo, conjugar os verbos e fazer concordância nominal e verbal de forma que não fuja dos padrões estabelecidos pelos manuais de gramática normativa. Por tanto, analisando todas as respostas e através da experiência do estágio de regência, foi possível enxergar a necessidade de levar para as salas, assuntos que ajudem a barrar a disseminação de discursos preconceituosos com as pessoas que não se enquadram a norma padrão da língua. Pois como afirma Bagno (2005):

Pode argumentar que a norma culta do jeito que é preconizada nas gramáticas, é apenas uma idealização, que funciona como uma espécie de lei, determinando usos orais e escritos e servindo de referência para a correção das formas linguísticas. De fato, não é falada por quase ninguém, e mesmo as pessoas instruídas e de boa condição social erram com relação à gramática. (BAGNO, 2005 p.134)

Nesse sentido, é necessário ensinar nas escolas a importância de aprender outros assuntos, pois segundo Mollica e Braga (2003), ainda predominam práticas pedagógicas baseadas no ensino do certo ou errado. Desse modo, o estudo aprofundado sobre essa vertente da linguística, poderá contribuir com a erradicação do preconceito linguístico. Além disso, os/as estudantes poderão ampliar o conhecimento referente aos estudos linguísticos. Porém é importante pontuar que: “É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito” (BAGNO, 2002, P. 96)

Em se tratando da aula sobre preconceito linguístico na turma do primeiro ano, foi notório a dificuldade que tiveram em debater sobre conteúdos pertencentes à sociolinguística, visto que, tiveram de falar sobre algo que foge totalmente daquilo que eles e elas estão acostumados e acostumadas a estudarem. Sendo assim, a melhor opção seria encontrar maneiras de tornar esse assunto interessante para todos e todas, criando uma boa didática a fim de ajudar os/as discentes a compreenderem melhor os assuntos explanados. Por tanto, é necessário que haja também um espaço para ouvir cada estudante sobre as dificuldades as quais apresentam quando se trata de estudar textos que não estão relacionados a norma culta. Desse modo, havendo esse debate, há uma grande possibilidade de entenderem sobre as mudanças da língua, e que a partir dessas conversas em sala de aula, aprendam sobre outras variações linguísticas.

Todos sabemos que as línguas mudam com o tempo. Basta compararmos o português com o latim, ou até com o próprio português da época medieval, para notarmos diferenças em todos os níveis, desde a semântica até a sintaxe, passando pela fonologia, pelo léxico, pela morfologia. (MOLLICA e BRAGA, 2003, p.43)

De acordo com as afirmações de Mollica e Braga (2003) as línguas mudam com o tempo, e em virtude dessas mudanças, precisamos ensinar sobre outras possibilidades linguísticas. É importante também, como já mencionado anteriormente, levar para as aulas textos que ajudem os//as estudantes a

desenvolverem senso crítico, pois, apenas o estudo da gramática normativa não ajudará a expandir o conhecimento à cerca da língua. Somado a isso, de acordo com Bagno (2020) Cada um de nós precisa elevar o grau da própria autoestima linguística e recusar os velhos argumentos que visam menosprezar o saber linguístico individual de cada um.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: Outra escola possível.** 1º ed. São Paulo: parábola, 2009.

_____; M.; RANGEL, E de O. **Tarefas da educação linguística no brasil.** Revista brasileira de linguística aplicada, v.5, n.1, p.63-81, 2005

_____. **Linguística da norma.** 6º ed. São Paulo: Loyola 2002

_____. **Preconceito linguístico.** O que é, e como se faz. 56º ed. São Paulo: Loyola, 1999

_____. **Ensino de português:** do preconceito linguístico a pesquisa da língua. In: ABRALIN: Boletim da associação Brasileira de linguística /Associação Brasileira de linguística N° 25. Fortaleza: Editora UFC, 2000.

BORTONI-RICARDO, S.M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 1º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CEGALLA Domingos paschoal. **Novíssima Gramatica da língua portuguesa** 48º ed. São Paulo: Nacional, 1994

MARTELLOTA, et, al. **Manual de linguística.** 1º ed. São Paulo: contexto 2009

MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. 2003. **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4ºed. São Paulo: Contexto. 2000P

MUGNAINI. JR, Ayrton: Adoniran: **Dá licença de contar.** 2º ed. São Paulo, editora 34, 2002

ORLANDI, Eni Puccinelli: **O que é linguística.** 2º ed. Brasiliense, 1986

